

Aprender a atender em plantão psicológico: sobre a formação em psicologia clínica

Learning to attend on psychological duty: training in clinical psychology

Aprender a atender en guardia psicológica: sobre la formación en psicología clínica

Recebido: 29/05/2022 | Aceito: 22/02/2023 | Publicado: 30/03/2023

Lucca de Menezes Passos Barbosa

<https://orcid.org/0000-0002-0840-286X>

Universidade Federal de Minas Gerais Brasil

E-mail: luccampb@gmail.com

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

<https://orcid.org/0000-0001-9691-6141>

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

E-mail: pauloevangelista.ufmg@gmail.com

Resumo

Este artigo trata da formação em psicologia clínica, pautando-se no relato de experiência de um aluno de graduação em Psicologia aprendendo a realizar atendimentos psicológicos em um serviço de Plantão Psicológico. Seu contexto é o do ensino de Psicologia, considerado problemático em razão da divisão entre teoria e prática, sendo a primeira ensinada no início do curso e a segunda na fase final, como aplicação do aprendido teoricamente. Para tal, discute a formação em psicologia clínica na graduação e na IFES deste aluno, especificamente. Como método, adotou-se o método autoetnográfico da biografização registrada em diários de bordo do graduando. Foi pensado o processo de aprendizado - a experiência - pelo qual passa o graduando, questionando a correspondência deste processo com o modelo vigente nas universidades. As experiências iniciais com a situação clínica foram cotejadas com análises semelhantes na literatura científica, propondo considerações sobre a formação em psicologia. Destaca-se, na conclusão, a importância da vivência profissional na formação em Psicologia desde a fase inicial do curso.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Fenomenologia Existencial, Formação em Psicologia Clínica.

Abstract

This paper tackles the matter of training in applied clinical Psychology based on the experience report of a student learning to perform psychological care in a Psychological On-duty service. Its context is the teaching of Psychology, considered problematic due to the division between theory and practice, the first being taught at the beginning of the course and the second in the final phase, as application of what was learned theoretically. To this end, it discusses the training in clinical psychology in the undergraduate course and in the Federal Institution of Education of this student, specifically. As a method, the autoethnographic method of biography recorded in the graduate's logbook was adopted. The learning process - the experience - through which the graduate goes through was thought, questioning the correspondence of this process with the model in force in universities. The initial experiences with the clinical situation were compared with similar analyses in the scientific literature, proposing considerations about the formation in psychology. The conclusion emphasizes the importance of professional experience in the formation of Psychology since the initial phase of the course.

Key Words: Psychological Duty, Existential Phenomenology, Training in Clinical Psychology.

Resumen

Este artículo trata de la formación en psicología clínica, a partir del relato de la experiencia de una estudiante de licenciatura en Psicología que aprende a realizar atención psicológica en un servicio de Guardia Psicológica. Su contexto es la enseñanza de la Psicología, considerada problemática por la división entre teoría y práctica, impartándose la primera al principio del curso y la segunda en la fase final, como aplicación de lo aprendido teóricamente. Para tal,

discute la formación en psicología clínica en la graduación y en el IFES de este estudiante, específicamente. Como método, se adoptó el autoetnográfico de la biografía registrada en el cuaderno de bitácora del graduado. Se reflexionó sobre el proceso de aprendizaje -la experiencia- por el que pasa el titulado, cuestionando la correspondencia de este proceso con el modelo vigente en las universidades. Las experiencias iniciales con la situación clínica se compararon con análisis similares en la literatura científica, proponiendo consideraciones sobre la formación en psicología. La conclusión subraya la importancia de la experiencia profesional en la formación de psicólogos desde la fase inicial del curso.

Palabras clave: Guardia psicológica; Fenomenología Existencial; Formación en Psicología Clínica.

Introdução

Na formação em Psicologia clínica no Brasil, é comum vermos um determinado percurso formativo, este, que ocorre com a divisão do curso em duas etapas distintas: uma primeira, de formação básica - que trata do estudo da teoria - e uma segunda, de formação específica, que então se debruça sobre a prática clínica - a aplicação da teoria estudada previamente. O presente artigo questiona a coerência desta divisão para o processo de formação em Psicologia clínica - propondo, assim, uma visão mais ampla da formação do psicólogo clínico. Para tal, passaremos sobre como se dá essa formação nas universidades brasileiras, e, mais especificamente, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) explicitando os percursos gerais encontrados, em conjunção a considerações acerca desse formato. Em seguida, nos debruçaremos sobre como se dá, em um nível individual, o processo de formação em Psicologia clínica, visando compreender as especificidades dessa prática. Com isso, iremos tratar de minha experiência na prática clínica no serviço de Plantão Psicológico, projeto de extensão da graduação em Psicologia da UFMG. Esse foco é relevante pois, diferente do percurso tradicional, comecei a realizar atendimentos nos anos iniciais da graduação (ao final do 4º semestre), de modo que essa ‘linha clara’ que separaria os dois momentos do curso de Psicologia foi ‘borrada’ - meu aprendizado teórico acontece concomitante ao da prática. Para acessar essa experiência, nos valem do uso de Diários de Bordo, que escrevo desde o início de minha prática no Plantão Psicológico; o conteúdo vivencial do Diário será tratado a partir da redação de uma narrativa nele pautada, buscando extrair da experiência de minha própria experiência como plantonista aspectos que apontem para a condição de ser-plantonista (Evangelista, 2016) nos estágios iniciais da formação clínica em Psicologia. Neste sentido, aproxima-se uma *biografização* (Delory-Momberger, 2016) autoetnográfica, isto é, “uma *hermenêutica prática*, um quadro de estruturação e de significação da experiência exercendo-se de forma constante na relação do homem com a sua vivência e com seu ambiente social e histórico” (p. 139).

A temática da formação em psicologia clínica tem sido discutida por vários autores e tem se apresentado como relevante, pois, em sua maioria, os cursos de Psicologia se estruturam seguindo uma divisão entre teoria nos períodos iniciais do curso e prática na fase final, o que dificulta a preparação para a atuação profissional. Isso acontece, pois, segundo Figueiredo (1993), o “saber de ofício” do psicólogo assenta no seu “conhecimento tácito”, o qual está impregnado “pela experiência pessoal”, sendo “radicalmente pessoal, em grande medida intransferível e dificilmente comunicável” (p. 91). Nessa mesma linha, Aguirre *et al* (2000) defendem que a atitude clínica envolve conhecimento teórico e experiências pessoais, além de outros elementos não transmissíveis tal qual o saber teórico. Por esse motivo,

Abdalla, Batista e Batista (2008) criticam o pouco do tempo do curso dedicado a atividades práticas e vivências profissionais, além de apontar a “pouca articulação entre teoria e prática” (p. 813) como responsável pela sensação de insegurança e falta de preparação para o exercício profissional. Assim, este artigo objetiva ilustrar a contribuição na formação de um graduando de Psicologia da prática clínica desde o período inicial do curso. Espera-se que possa contribuir para a discussão sobre a formação profissional em Psicologia, como foco na psicologia clínica, oferecendo subsídios vivenciais para a elaboração e revisão de projetos pedagógicos de cursos de Psicologia que possam ir ao encontro das necessidades dos graduandos visando a atuação profissional.

Sobre a formação de psicólogos clínicos e a separação teoria-prática

Uma das principais áreas de atuação do psicólogo no Brasil é a clínica (Lisboa & Barbosa, 2009). Concerne a isso o estabelecimento de bases e normas para a formação deste profissional, algo que compete juridicamente ao Ministério da Educação (MEC). As diretrizes curriculares nacionais (DCNs) estabelecidas pelo MEC para a graduação em Psicologia estabelecem, dentre uma série de parâmetros, as bases para a formação do psicólogo clínico que envolve a presença de uma etapa de formação básica e a implementação de ênfases curriculares nos períodos posteriores (MEC, 2011).

A respeito da formação em Psicologia, uma questão que se vê em jogo na preparação do aluno é acerca da divisão que se tem entre o aprendizado teórico e a prática. Valle Cruces (2008) nos diz que “na consolidação do ensino [no Brasil], prevaleceu a preocupação teórica” (p. 249), o que resulta numa defasagem entre ensino, prática e pesquisa. Nessa perspectiva, a prática se torna mais técnica e mecânica do que devidamente refletida, avaliada e pensada. Na conclusão do artigo, o autor diz: “se o ensino excelente é aquele que coloca dúvidas, que faz interrogações, que ensina a fazer perguntas e não as responde pronta e mecanicamente, é essa aprendizagem que permitirá a formação de melhores profissionais” (p. 252). Concordamos com a proposta do autor, e vemos como sendo mais coerente este ensino amplo e integrado, contrário à mera aplicação técnica e mecânica de teorias somente lidas sem interrogações.

Ao falarmos especificamente da formação clínica, encontramos embates que vão de encontro à crítica que seguimos a respeito da dicotomia teoria-prática. A separação que aqui insistimos é vista como algo prejudicial na formação clínica de um aluno de psicologia. Segundo Valle Cruces (2008), o problema justamente aqui abordado é essa falta de integração de elementos da formação do psicólogo - aprender a teoria separada torna os conceitos pouco significativos, e adentrar na prática sem as devidas bases teóricas também se mostra como prejudicial. Nessa esteira, Abdalla, Batista e Batista (2008) levam em conta a consideração de que essa formação deve ser compreendida como um processo de subjetivação, no sentido de que a formação não abrange apenas o aprendizado intelectual/cognitivo, mas algo a mais, que entra no âmbito da construção de uma atitude clínica do aluno de Psicologia.

Aguirre et. al. (2000) aborda o desenvolvimento de uma atitude clínica por alunos da graduação em Psicologia que entraram em contato com a prática clínica. Os autores entendem por atitude clínica a “possibilidade de colocar-se no papel profissional dentro de um determinado enquadramento, mantendo uma empatia com o cliente” (p. 53), e

compreende-se que este é, necessariamente, um processo de internalização, apessoamento do conhecimento teórico, refinado pela supervisão que acompanhava os alunos ao longo desse processo de atendimento da disciplina em questão.

O que isso diz acerca da discussão sobre a formação clínica, em relação à dicotomia teoria-prática, é justamente sobre a verdadeira indissociabilidade do processo em momentos distintos. A prática clínica é uma prática pessoal face-a-face, muito diferente de uma mera aplicação de técnicas, que exige uma transformação subjetiva (Abdalla, Batista & Batista, 2008) para a construção de uma atitude clínica (Aguirre et. al. 2000), de um Modo-de-Ser (Dutra, 2013) que leva em conta o processo pelo qual o aluno internaliza as teorias aprendidas no caminho de uma construção pessoal do próprio ser clínico.

Especificamente na UFMG, o percurso acadêmico na formação de psicólogos envolve duas grandes fases. A primeira, de formação básica, compreende os sete primeiros períodos, e contém a maior parte das disciplinas necessárias à graduação. Na segunda fase, o discente deverá escolher uma dentre três ênfases curriculares, a saber: Ênfase em processos de desenvolvimento e avaliação psicológica, em processos psicossociais e em processos clínicos. Só inicia esta fase o estudante que cumpriu as disciplinas obrigatórias da formação básica. É nela que se iniciam os estágios propriamente ditos (Colegiado de Psicologia da UFMG, 2018).

Os estágios curriculares, só podem ser realizados pelos estudantes que se encontram na fase de ênfase, e são as atividades que pretendem a prática - a Psicologia aplicada. Na ênfase em processos clínicos encontram-se os estágios que visam a formação clínica à qual aqui nos remetemos; estes compreendem práticas clínicas com diversas idades e grupos, e que visam a capacitação em diversos campos de atuação, como hospitais, na saúde coletiva, clínica psicoterápica, clínica ampliada, em hospitais psiquiátricos, entre outros. (Ementário Psicologia no projeto pedagógico de 2009/1, 2018).

Com isso, observando o desenho curricular que é seguido na UFMG, o que se nota é um ensino que inicia em um aprendizado teórico isolado para depois aplicá-lo na prática. O entendimento que está implícito em tal formato é de que este estudo primeiro da teoria criaria uma sólida base que, então, habilitaria o aluno para a prática posterior - o próprio nome da clínica-escola nos indica isso: Serviço de Psicologia Aplicada (SPA). Algumas atividades de extensão universitária conseguem superar esta dicotomia ao abrir portas para a prática de alunos nos períodos mais iniciais (i.e. antes da entrada nas ênfases); este é o caso do serviço de Plantão Psicológico, ao qual aqui nos remetemos.

Da Aprendizagem Significativa e sobre os percursos de formação do psicólogo clínico

Figueiredo (1995) também é crítico à dicotomia entre teoria e prática. Segundo ele, essa seria uma visão “excessivamente simplista” (p. 86), e que “não corresponde ao que se passa nas atividades práticas do psicólogo” (p. 86), buscando assim, explicitar como se dá a relação entre teoria e prática na formação do psicólogo clínico. O autor utiliza-se dos conceitos de conhecimento tácito e explícito, de Polanyi, para explicitar a forma pela qual aprendemos o ofício da clínica psicológica. O conhecimento tácito é “aquele incorporado às capacidades afetivas, cognitivas, motoras e verbais de um sujeito” (p. 87) e o que o caracteriza é “ser de natureza eminentemente pré-reflexiva” (p. 87), sendo algo que “oferece resistência aos discursos representacionais objetivadores” (p. 87). Em outras palavras, é o tipo

de conhecimento encarnado do qual nos dispomos de maneira pré-reflexiva, e que, por conta disso, resiste à tentativa de representação formal. Em contraposição, o autor também apresenta o conceito de conhecimento explícito, que seria “aquele que se torna disponível por sistemas de representação, como as teorias” (p. 88).

Com essas chaves, o autor destrincha a forma que o psicólogo clínico aprende e realiza sua prática; esta, que é impregnada pelo conhecimento tácito, estando mais próxima de um “saber de ofício, de natureza eminentemente artesanal” (p. 86) - o *know-how* (saber-fazer): um conhecimento encarnado e pré-reflexivo.

O conceito de aprendizagem significativa se mostra útil para uma acepção mais coerente entre o conhecimento tácito e o explícito na prática clínica. Morato (2009) o define como “processo de constituição e apropriação de um ‘saber fazer/saber dizer’, correspondendo, dessa forma, à experiência” (p. 35), sendo que, no contexto da prática clínica “os processos de aprendizagem revelam-se como possibilidades de compreensão e conhecimento e, portanto, de atribuição de significado para relações e situações vividas pela pessoa” (p. 35). Essa definição nos diz da relevância de um processo de aprendizagem que leva em conta o que faz sentido - o que é significativo - para o sujeito, enfatizando a experiência individual. Essa experiência que, “partindo do significado sentido como referência, permite o ultrapassamento para novas possibilidades, num processo de *aprendizagem quente*, por assim dizer” (p. 35, grifo nosso) - o que designa dois outros âmbitos do processo da experiência: um significado primeiro do qual se parte, que norteia (um referencial teórico, por exemplo), e a ultrapassagem deste através de um ‘metabolismo’ - a aprendizagem quente - que leva em conta a biografia de cada pessoa e o processo de supervisão. Concluem os autores: “a aprendizagem é educativa quando a atenção para o fato permite reflexão ocorrendo na experiência, através de ações realizadas e não em função de leituras sobre fatos vivenciados” (p. 33).

Dessa forma, o processo de formação do psicólogo clínico mostra essa natureza profundamente amalgamada entre os conhecimentos tácitos e explícitos - uma formação que encarna conhecimentos formais através de um processo de aprendizagem significativa, mais amplo que a aplicação técnica da teoria lida, que é criação e descoberta dos modos próprios de ser clínico. A “Psicologia aplicada”, como mencionada anteriormente, não é a simples disposição e utilização de técnicas e teorias que estariam disponíveis no arcabouço da formação básica, como poder-se-ia ler, mas, verdadeiramente, um processo de formação que envolve fatores teóricos, psicoterapia pessoal e supervisão clínica em um movimento de experiência autêntica, viva e constante. Mantendo um “nível ótimo de tensão” (Figueiredo, 1995, p. 93), a teoria direciona o início da prática questionando a organização do fenômeno clínico e a experiência surge como esse contraponto não coincidente, que colide com o que diz a representação. Desse processo é que surge o aprendizado significativo apropriado.

Esse entendimento de experiência se aproxima daquilo que Gendlin (citado por Morato et al., 2009) representa como o “experienciando” (*experiencing*), conceito esse que pauta a ideia da Aprendizagem Significativa. O experienciando seria “um fenômeno subjetivo que se refere a um sentimento de quem está vivendo uma experiência” (p. 22), no sentido de transformação pela vivência: “o processo de experienciando é fator de mudança, ou melhor, abertura de possibilidades outras” (p. 23).

Na perspectiva fenomenológico-existencial (perspectiva na qual venho me formando), Dutra (2013) entende como a base da formação do psicólogo o desenvolvimento da atitude fenomenológica. Essa atitude seria uma forma expressa de abertura para a experiência de Ser-no-Mundo e da indeterminação do poder-ser do *Dasein*¹, como é levantado pela fenomenologia-hermenêutica. Em outros termos, essa abertura corresponde a: 1) um rompimento com teorias e técnicas preponderantes na Psicologia científica de nossa época, que 2) dispõe, ao psicólogo que mantém essa abertura a possibilidade de vislumbre do caráter indeterminado, fluído e provisório do homem, impossível de ser objetivado. Com isso, essa espécie de abertura é a chamada atitude fenomenológica que compõe o Modo-de-Ser deste psicólogo: o *know-how*. Dessa forma, a formação do psicólogo nessa perspectiva não tem em vista a questão de “Formação” como um processo acabado, finito, mas, sim, como essa abertura ao poder-ser, entendido como “um processo, o qual comportaria, sem dúvidas, a concepção de uma experiência existencial, de um poder-ser, portanto, inacabada” (p. 207).

Sobre o Diário de Bordo como acesso à experiência, e a narrativa como método de pesquisa

A seguir, trataremos da metodologia de acesso à experiência e aprendizado clínico. O Diário de Bordo (DB) é a ferramenta para acessar a experiência vivenciada, propiciando a aprendizagem significativa na formação como psicólogo clínico. O DB aproxima-se da Versão de Sentido, de AmatuZZi (1996) - como forma de desvelamento dos sentidos da experiência. Junto de uma exposição específica sobre estes temas, trataremos de estabelecer a narrativa do DB como uma forma sistematizada de metodologia de pesquisa fenomenológica. Os DBs são uma forma de biografização (Delory-Momberger, 2016) por registrarem a subjetivação que acontece, necessariamente, em contextos sociais e históricos.

Aun (2005) concebe os DBs como “marcas em forma de escrita - depoimentos rememorados” (p. 18), “restituição da historicidade de uma pesquisa” (p. 19) e “o narrar a biografia da experiência de um profissional” (p. 19). É notável, na leitura dessas e outras definições, o quanto a própria tentativa de precisão do que pretende um DB tem esse quê muito pessoal, sensível, literário, o que aponta a busca de “sentido de si mesmo” (p. 20) - ou seja, de desvelamento dos sentidos da experiência do clínico-pesquisador. A autora também se vale do conceito de *démarche* clínica, entendendo este como a retomada da experiência vivida e narrada em DBs, que possibilita reconsiderar o caminho percorrido pelas marcas dos passos dados. Assim, o DB é, conforme o nome indica, um diário das experiências ao longo do percurso - da viagem -, com destino a se tornar psicólogo (clínico). Pode-se dizer que, em suma, a escrita de um DB tem o objetivo e o procedimento de se debruçar sobre a experiência, buscando o desvelamento dos sentidos mais individuais destas.

Pensamos que o conceito de Versão de Sentido (VS), de AmatuZZi (1996), traz elementos importantes para compreendermos os DBs. Uma VS trata de um certo evento do qual seu/sua escritor(a) participou; é um relato do

¹ Termo alemão que costuma ser traduzido por ser-aí, indicando a existência humana.

“sentido vivido” (p. 11) deste, uma “fala expressiva da experiência imediata da pessoa, diante de um encontro recém-terminado” (p.11). Em termos práticos, é um relato escrito, breve, redigido “livre e espontaneamente” (p. 11) acerca do experienciado. A VS não pretende ser um relato objetivo, cronológico e sequencial do acontecido, mas é uma reação viva a isso - ao encontro - como “uma palavra primeira” (p. 12), que busca tratar do sentido vivo que a experiência tem para quem escreve. Em suma, é possível dizer que a VS tem o objetivo de se haver com o próprio sentido da experiência vivida pelo escritor dela. É radicalmente diferente de um relatório comum, que visa um relato cronológico e ordenado dos principais eventos de um atendimento. Sendo assim, uma VS exige formas mais pessoais e autênticas de escrita.

Com isso, revela-se o paralelo da VS com o DB. Os Diários são escritos de tal forma que pretendem se aproximar justamente da experiência de seu escritor - do sentido que quem vive aquela experiência dá a ela: “escrever diários são momentos de criação de sentido, testemunhado-se como registro plural e único” (Aun, 2005, p. 19). Uma marca específica do DB é acerca do período de tempo que ele abrange, diferente da VS. Enquanto cada texto de uma VS atesta para a experiência imediatamente vivida, não se pressupõe qualquer continuidade que remeteria a uma unidade - as VSs vão sendo feitas uma ou talvez mais vezes, mas não há prerrogativa de uma sucessão de textos. Segundo Amatuzzi (1996), VSs podem até descrever uma sequência de experiências de um processo, possibilitando “uma visão mais condensada do todo, e ao mesmo tempo rica em detalhes experienciais” (p. 16), contudo, não visam estabelecer justamente essa estrutura histórica dos Diários. Dessa forma, compreendemos que o DB é um longo escrito que dirá respeito não ao processo *per se*, mas à experiência do processo a que aquele diário remete - no entanto, não a partir do entendimento de vários episódios costurados, mas de um processo de formação, de viagem, como o nome indica.

Com isso, o DB por mim escrito traz à luz minha experiência no processo de aprendizagem significativa, de aprender a atender, e da construção (em andamento) do Modo-de-ser clínico. A escrita dos sentidos vivenciados ao longo do período de prática no Plantão Psicológico permitem essa visão mais condensada do todo, e uma análise fenomenológica da experiência desse período e processo de aprendizagem.

Estando clara a metodologia usada para acessar o sentido da experiência, é necessário apresentar a forma pela qual a narrativa - a escrita do sentido - se habilita como pesquisa fenomenológica. Dutra (2002) apresenta o conceito de narrativa como a maneira pela qual a experiência se expressa, como “uma forma artesanal de comunicação” (p. 373), sendo que, na narrativa “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (p. 373). Tendo em vista que a práxis da pesquisa fenomenológica visa a experiência, em tal perspectiva que “ênfata a dimensão existencial do viver humano e os significados vivenciados pelo indivíduo no seu estar-no-mundo” (p. 372), este entendimento da narrativa como um desvelar da experiência através da linguagem permite o uso destes textos como uma forma sistematizada de acesso à experiência.

Com isso, podemos traçar um paralelo do DB com o conceito de narrativa. De acordo com o entendimento do DB como um texto que se debruça sobre o sentido da experiência vivida, este (i.e. o DB) pode ser compreendido como uma forma de narrativa, no caso, sobre minha experiência de desenvolvimento do Modo-de-Ser clínico atuando

no Plantão Psicológico. Dessa forma, a escrita de DBs não visa se encaixar em nenhum estilo pré-determinado - o estilo de escrita passará e buscará os caminhos narrativos necessários para dar conta das experiências vividas: incursões poéticas, literárias, técnicas, uso de imagens, linguagem informal, brincadeiras, confissões etc.

Dessa forma, compomos o que foi o caminho metodológico da presente pesquisa. Em um primeiro momento, a partir de trechos do DB, tentamos realizar uma análise compreensiva do que se revelava nesses escritos, algo que, ao fim, se mostrou infrutífero - não por escassez de conteúdo nestes, mas por dificuldade em ‘fazer valer’ toda a experiência escrita no DB como material para uma análise de qualidade. Sendo assim, optamos pela escrita de uma nova narrativa, composta com base no DB, que trata de minha experiência deste tempo no Plantão e que vise responder a pergunta: ‘Como foi sua experiência como plantonista no Plantão Psicológico no SPA?’. Desse modo, a narrativa que será apresentada parte do que considero serem os aspectos centrais de minha experiência no Plantão no que tange a minha formação como psicólogo clínico. É necessário apontar que, devido à natureza da narrativa - derivada de um Diário escrito de forma ‘quente’ - a linguagem do texto não tem um cunho essencialmente formal-acadêmico, pois busca trazer experiências significativas de aprendizado que não necessariamente se afinam com esta forma de dizer. Com isso, o texto escrito se encaixa no entendimento de narrativa de Dutra (2002), sendo, de tal modo, uma síntese viva de minha experiência como plantonista ‘iniciante’.

De outras experiências com alunos na prática clínica nos anos iniciais

Antes de chegar à narrativa de minha experiência, a seguinte seção do artigo visa tratar de outras pesquisas sobre atendimentos psicológicos realizados por alunos nos anos iniciais do curso de graduação em Psicologia. Mais especificamente, retoma a pesquisa de Nunes (2015). Nela, autor teve por objetivo compreender a experiência de alunos que iniciaram a prática em atendimento clínico nos anos iniciais da graduação em Psicologia - a partir do 2º ano (3º semestre) da graduação -, atuando no serviço de Plantão Psicológico do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE-PSA/IPUSP). Assim, a pesquisa de Nunes (2015) é pioneira na temática trabalhada no presente artigo - sobre alunos em atendimento nos anos iniciais -, sendo referência em dois sentidos mais específicos: 1) como um histórico de pesquisa nos mesmos temas de formação em psicologia, plantão psicológico e fenomenologia-existencial; 2) por calcar uma base, a partir das análises das entrevistas realizadas, para um exame compreensivo da experiência escrita no Diário de Bordo.

A investigação foi feita a partir de entrevistas com quatro estagiários, que tinham por objetivo explicitar quais as “situações do estágio que consideravam pertinentes a sua formação” (Nunes & Morato, 2020, p. 4). Assim, o que era visado com essas perguntas era compreender a experiência da formação - a aprendizagem significativa - pela qual os alunos estariam passando. A partir desse conteúdo, o autor segue para uma análise que busca uma compreensão tanto num nível individual, quanto a partir de conexões entre as falas dos participantes (Nunes, 2015, pp. 67-101). Com isso, Nunes (2015) constrói a análise a partir de alguns ‘marcos’ considerados relevantes na experiência dos alunos; estes, que tocam pontos relativos a, por exemplo, o atendimento em duplas, a supervisão realizada no meio do

atendimento, a ressonâncias entre clientes e plantonistas, a apreensão da teoria fenomenológica-existencial e assim por diante.

A principal questão, no que concerne o presente artigo, é relativa a estes marcos para análise do DB e confecção da narrativa. Estes são pontos relevantes pois dizem respeito a uma compreensão mais ‘geral’ da experiência como plantonista; mesmo enquanto cada indivíduo traz aspectos idiossincráticos em seu discurso, a partir desses pontos é possível uma leitura mais ampla e sistematizada, permitindo um entendimento mais global da experiência de aprendizagem significativa sob a ótica da formação em Psicologia clínica. Portanto, o questionamento marcante é sobre como compreendi e experienciei a prática de atendimento no Plantão Psicológico, entendendo esse processo como parte da formação de um psicólogo clínico.

A narrativa do aprendizado e a experiência de formação

A presente seção irá, por fim, reconstruir minha experiência como clínico em formação. Nos baseando no Diário de Bordo, foi escrita uma narrativa que visa compreender essa experiência. Este texto foi escrito tendo em vista os pontos cardeais do que compõe a formação em Psicologia clínica - inspirando-se na análise realizada Nunes (2015) -, a partir dos escritos de minha experiência na prática em atendimento no Plantão Psicológico da UFMG.

O DB engloba dois períodos diferentes de realização do Plantão: um primeiro semestre que ocorreu de modo presencial semanalmente, às quintas-feiras, de 12 às 16h², e, com a ocorrência da Pandemia da Covid-19, passou a funcionar no formato de Aconselhamento Psicológico Online³. A equipe, composta por 12 plantonistas, se reúne em uma sala conjunta, onde são feitas as supervisões, distribuição dos casos e assim por diante. Os atendimentos são realizados nas salas de atendimento do SPA (na modalidade online, eram feitos na plataforma Microsoft Teams), e são feitos em duplas. A supervisão é realizada no meio do atendimento - pedimos uma pausa para o cliente, fazemos uma supervisão rápida, e voltamos à sala. Ao fim do ‘expediente’ discutimos alguns casos inteiros com toda a equipe.

Escrevo o Diário de Bordo desde meu primeiro atendimento no serviço de Plantão Psicológico, sendo este, também meu primeiro atendimento como um todo. A escrita do DB se iniciou dia 13 de junho de 2019, tendo, então, 19 anos de idade e estando no 4º período da graduação em psicologia - com isso, o DB compreende o período de junho de 2019 até junho de 2020, estando com 20 anos e no 6º período. Neste período, realizei 41 atendimentos, todos em dupla. Tendo iniciado a prática clínica nos anos iniciais da graduação, não contava inicialmente com algum (supostamente) sólido arcabouço teórico que teria um discente mais adiante no curso. Tendo apenas cursado uma disciplina de Introdução à Psicologia Fenomenológica - e já fazendo psicoterapia a alguns anos em abordagens da 3ª Força em Psicologia -, foi só após iniciar no Plantão Psicológico que me aprofundei no estudo teórico da psicologia fenomenológica, e, mais especificamente da Daseinsanálise.

² Atualmente, ocorre às quintas-feiras, das 8 às 17h.

³ Neste texto, não nos debruçaremos sobre as diferenças entre a prática presencial e a on-line.

Tendo em vista esse horizonte de significados, a narrativa que será exposta foi escrita visando uma apresentação de minha experiência de formação, tratando desta de modo tão cuidadoso e quente quanto a escrita dos Diários, visando desvelar esse processo - a viagem rumo ao ser-clínico.

A análise realizada por Nunes (2015) cobre algumas das questões principais que surgem ao longo de sua pesquisa, e permitem uma visão compreensiva de aspectos singulares de cada estagiário. Estes pontos principais são: 1) Como o estagiário compreendeu a situação de atendimento em plantão; 2) Como o estagiário compreendeu o atendimento em dupla com um psicólogo formado ou com um colega dos semestres finais; 3) Como o estagiário compreendeu a situação de supervisão; 4) Como ocorreu a compreensão da perspectiva fenomenológica existencial (p. 41).

Valendo-nos desses pontos, foi pensado o que haveria de mais relevante no DB, e, a partir de uma leitura deste, chegamos na elaboração dos seguintes focos: 1) Sobre a situação de atendimento no Plantão; 1.1) Da visão sobre os atendimentos; 1.2) Sobre a relação plantonista-cliente; 1.3) Da auto-observação na prática: como me vejo. 2) Sobre o atendimento em dupla. 3) Sobre as supervisões. 4) Sobre a apreensão da fenomenologia-existencial.

O motivo especial para focar esses pontos é de que estes são os mais relevantes para mim quando penso sobre os impactos do Plantão em minha formação. Pensar na situação de atendimento traz à tona: 1) o próprio atendimento; 2) o que senti em relação à pessoa atendida; e 3) o que achei sobre mim. Sobre a questão de duplas, sinto bastante diferença em como ajo de acordo com a ‘posição’ que ocupo, além do efeito da própria pessoa com quem faço dupla. Acerca da supervisão, o papel que esta tem é basilar para mim - é o espaço da aprendizagem mais sensível e essencial. Sobre a apreensão da teoria, reparo nitidamente uma grande diferença na forma que realizo os atendimentos de acordo com meu progresso no estudo da teoria - desde o início articulado com a prática -, sendo esse avanço algo muito importante na forma como vejo meu tempo no Plantão. Dessa forma, estas foram as questões que nortearam a escrita da seguinte narrativa.

O texto a seguir é, portanto, uma narrativa escrita apoiada na releitura dos registros no Diário de Bordo desde o início de minha prática no Plantão Psicológico. Por isso, a escrita tem um tom coloquial, que tenta guardar o fluxo de pensamento que acompanhou a leitura e o processo de escrita.

A Narrativa

Olhando agora, um ano depois, chega a ser engraçado pensar no meu primeiro atendimento no Plantão. Um ano nem é tanto tempo assim, mas a diferença entre aquele dia 13 de Junho de 2019 e como eu atendo hoje em dia é muito grande.

Eu lembro bastante do jeito que eu estava naquele dia: muito animado, me vesti bem, muito nervoso; o atendimento foi em dupla com a A., e, por mais que ela já estivesse mais na frente do curso, ela estava tão ou mais nervosa que eu - nesse espaço-meio eu fiquei com uma mistura de nervoso com pronto para ação. Lembrando agora, o atendimento foi, para mim, horrível. Eu estava muito nervoso, com a perna tremendo, tentando ouvir o cliente - mas não sabia ainda no que focar na fala dele - e acabou que eu adotei uma postura de “vamos resolver o seu problema”.

Ele tinha um jeito “muito paradão, fim-de-carreira” (DB⁴) e ficava esquecendo coisas importantes de sua vida e as deixando passar. Diante disso, sugeri que ele poderia escrevê-las no seu braço, como eu faço às vezes.

Isso foi ainda no final do 1º Semestre de 2019, e nesse tempinho eu fiz só dois atendimentos. Já no segundo semestre pude ter mais experiências. O Plantão já começou o mês de agosto recebendo muitas inscrições; houve um dia que tanta gente procurou que cada plantonista precisou atender 3 pessoas no período, com supervisões ininterruptas acontecendo. Gostei muito desse volume de atendimentos! Depois de algumas experiências como plantonista, eu já não entrava tão nervoso nos atendimentos, e aí que foi muito legal, porque, já não estando tão tenso e afobado, eu conseguia prestar atenção mesmo, pensar o que eualaria ao invés de dizer qualquer coisa irrefletidamente, como sinto que fazia no início. Um dos primeiros atendimentos dessa época foi o da U. Esse atendimento foi interessante por uma junção de coisas diferentes: eu fiz intervenções que foram novidade pra mim, eu consegui reparar de um jeito mais minucioso e único sobre ela; eu atendi com a J., e foi muito bom ter essa sensação de dupla coesa pela primeira vez. Lembro que quando o atendimento acabou e a gente estava caminhando de volta pra sala, ela falou “Gostei de atender com você”, e isso foi ótimo: acho que foi a primeira vez que eu senti intimidade com o Plantão. As minhas intervenções no atendimento à U. foram novidade para mim porque, dessa vez, eu consegui escutar alguma coisa de teoria no que ela falava, “fiquei com uma coisa na cabeça: a definição de ansiedade da fenomenologia existencial, que é “um certo achatamento, uma prensa do futuro no presente” (DB) - e o que teve de especial disso foi que recorrer à teoria funcionou. Interessante como é a prática que descobre o que é relevante da teoria! Essa foi realmente a primeira vez que eu pensei uma relação direta entre a teoria e o que estava acontecendo no atendimento; foi uma ideia meio tímida ainda, que veio mais como uma lembrança da aula do que algum tipo de conhecimento incorporado - mas funcionou. Comparando com aquela época, o jeito que eu levo a teoria em conta é bem diferente - hoje em dia sinto que é um conhecimento incorporado mesmo. O jeito que acontece não envolve tanto o esforço pra lembrar da aula ou da anotação do caderno. A teoria já surge embrenhada da situação clínica, como se o cliente falasse de sua experiência e já indicasse conceitos da fenomenologia existencial para ajudar a pensá-los. Percebo que o esforço nessa situação é de ser cuidadoso com o que aparece, de não ser apressado com interpretações, de traduzir o palavreado dos livros para alguma coisa que faça sentido pra pessoa e assim em diante: é lembrar de respirar.

Mesmo que eu esteja falando agora sobre ser paciente e cuidadoso com o atendimento, essa é uma coisa que a gente também tem que aprender a fazer direito - aprender a atender tem mais a ver com descoberta do que aplicação de memória acadêmica. Como eu falei lá cima, eu tenho um jeito meio afobado de tentar resolver o problema das pessoas, o que não é algo que se faz em um atendimento (queria eu dizer que era óbvio que a gente não deveria fazer isso, mas não é: a gente só descobre o que é óbvio depois de descobrir-se errando algumas vezes). Sobre isso, eu lembrei de um caso em especial que essa ‘observação à distância’ (i.e. não tentar resolver o problema) ficou mais clara para mim. Foi atendendo S., “cara mais velho, cabelo alto pouco cuidado (...) posturas moles que davam um ar de desleixo. A vida dele estava horrível (...): casamento ruim, irmão morreu, desempregado, morando com a mãe; só coisa

⁴ Trechos retirados do Diário de Bordo.

ruim” (DB). O que ele trouxe foi essa sucessão de acontecimentos horríveis e dava uma sensação muito esquisita de impotência, porque, num nível mais imediato, a gente realmente não podia fazer nada por ele. Junto disso, eu sentia dó dele. Na hora que ele chorou, era uma única lágrima que desceu por baixo dos óculos quadrados e ele não enxugou; ela desceu como um pingo de chuva escorrendo na janela de um prédio do outro lado da rua; partiu meu coração, deu vontade de segurar ele no colo e cuidar dele como de passarinho com asa quebrada. Tudo na vida dele estava muito sofrido, e segurar o impulso de querer resolver as coisas foi uma questão - claro que eu não conseguiria fazer nada, mas são formas diferentes de se compadecer. A postura no atendimento foi mais de tentar entrar com ele - com cuidado, porque ele estava ferido - no que mais doía naquilo, e de como ele se posicionava naquela bagunça. No fim das contas, ele saiu do atendimento esperançoso das coisas. Por mais que parecesse que ele fosse afogar, o Plantão foi uma puxada de ar.

É interessante pensar no efeito diferente que o Plantão tem em cada atendimento; para S. foi uma lufada de ar, para U., foi reiterar auto-cuidado. Cada pessoa vai falar da sua situação (vivenciada como problemática) de um jeito muito específico, mas acho que, no geral (depois de vivenciar 41 atendimentos), o que eu vejo em comum nos atendimentos no Plantão é o nosso movimento de colocar a pessoa no olho do furacão da sua situação e falar: “É você quem está aí” - com foco no Você e no Aí. Esse movimento é bem cuidadoso, não tem (quase) nada de selvagem ou solitário nisso, porque geralmente a descoberta da pessoa tem mais cor de ‘acordar para o entorno’ do que ‘desesperar com a bagunça’. O que eu acho mais legal dessa parte é descobrir, junto da pessoa, o que falta no entendimento dela pra clicar com a situação; é uma escavação isso, trabalho de arqueólogo, e que, à medida que a gente vai aprendendo a fazer, vira pura emoção - e, pra mim, pensar em teoria, interpretação, ‘arrancar o Ser do Ente’ como disse o professor P. uma vez, é o máximo.

Disso, o atendimento ao I. foi um dos mais ilustrativos que eu me lembro. Esse cliente chegou no Plantão falando que tinha tido uma briga com a esposa naquela semana porque ele passava tempo demais no celular; já tinha uns dois dias que ele quase não mexia no celular, fazia força para isso, algo que o incomodava muito - foi esse incômodo que o levou ao Plantão -, e não era exatamente que ele sentia falta do celular, mas a falta do celular parecia apontar alguma outra coisa. No fim das contas, “num processo muito legal, a gente passou daquela queixa pra uma coisa com comunicação e a esposa. Quando o celular vai embora, o que se mostra é que ele se vê obrigado a conviver com a esposa, ver ela de verdade mesmo” (DB), e isso foi muito interessante! Ele foi ficando animado, a gente também (era eu e o H., foi uma sensação de dupla mesmo, sincronia). “O que eu mais achei mais legal foi sair de uma queixa tão banal - mexer no celular - e entrar nessa, tirar camadas, desvelar sentidos do que estava em jogo e por trás do que uma fachada significa” (DB). Esse atendimento foi muito divertido, inclusive. Anotei no meu DB que o I. era um cara “bom mesmo, coração forte, muita força, mas calmo e manso até, vontade de abraçar” (DB), e estava bem envolvido com o atendimento; além disso, fazer todo esse processo de escavação foi muito instigante, mesmo dando um nervoso... . A graça e o medo estão em tentar se encontrar à medida que as coisas acontecem.

Esse processo de se encontrar é uma coisa que também é aprendida - claro -, e, na minha experiência, a supervisão tem o maior peso nessa minha calibragem de me situar (afetiva e cognitivamente). Com isso, eu quero dizer

que a supervisão me ensina a reparar no que é relevante do atendimento, a ter uma sensibilidade para tal coisa e não outra do que aconteceu, a responder de um jeito melhor à pessoa, a fazer a pergunta apropriada etc., em suma: a calibrar a escuta e ação clínicas. No primeiro atendimento, por exemplo, eu não sabia o que eu estava recebendo, ainda não tinha muito filtro; o tempo vai passando, e as supervisões vão ajudando a abarcar o que a gente vive. O que é muito curioso é que, diferente de alguma teoria que eu li ou de algum atendimento específico que eu tenho como exemplo, o efeito final da supervisão é alguma coisa que eu não sei muito bem relatar, mas que eu *só sinto/sei* - alguma coisa *daquilo* chama a atenção, alguma postura da pessoa, alguma coisa que eu sinto, alguma fala específica etc.: calibragem. Por mais difícil que seja para relatar, é alguma coisa que, de qualquer forma, eu vejo e sinto claramente e aparece nos meus atendimentos hoje em dia: certas coisas chamam a atenção e eu confio nesse saber/sentimento e sigo por ele. Essa incorporação da supervisão acontece de algumas formas diferentes - se é que eu consigo categorizar assim -, mas acho que algumas das principais são: 1) sobre o quê me chama mais atenção na pessoa, o que é algo como o raciocínio 'do que essa pessoa está falando, o que revela um/algum? modo-de-ser dela?', e, a partir daí, tentar encaixar as partes do que a pessoa traz com o que eu acho que seriam bons rumos para a dupla seguir; 2) em como eu junto algumas coisas, que não estão naturalmente juntas, e *falo* isso pra pessoa; por exemplo, juntar uma mudança por qual a pessoa está passando (por exemplo, entrar na faculdade, mudar de cidade, descobrir-se adulta) com os sentimentos conflitantes e desagradáveis que isso traz (por exemplo, sentir-se perdido, sentir saudade, medo de se arrepender), e contribuir para que a pessoa tenha uma imagem de que isso que está acontecendo faz parte de um processo de auto-descoberta e apropriação de si mesma. Esse movimento de juntar as coisas numa macro-imagem é algo que aprendi na supervisão; 3) em algumas palavras e frases que eu pego *quase* como jargão, mas que não são, por exemplo: "isso me parece muito sofrido", "muito legal você procurar o Plantão", "por mais confuso que isso esteja sendo, você se cuida muito bem, olha só *isso e isso*", "se fazer é muito doído" - que são frases que eu aprendi na supervisão e que passam ideias importantes que a gente pode levar pra situação da pessoa; até os *clássicos*, como: "disso que você está falando, o que mais fica para você?", "o que você está sentindo?", "o quê que você está pensando?", que só são clássicos bem utilizados quando a gente aprende a usar eles na hora certa, e saber isso passa pela supervisão. Penso que há um papel 'metabólico' da supervisão, no sentido que, se o processo de aprender a atender é, em boa parte, de incorporar conhecimentos, a supervisão é o aminoácido que quebra as coisas e possibilita entender e encarnar o aprendizado.

Por fim, eu acho que uma das coisas mais importantes em toda experiência de atendimento é a responsabilidade que a gente assume quando está lá. Reunindo todos os aspectos de teoria, minha opinião, o que eu aprendi na supervisão etc., tudo isso vai acontecer condensado no momento do atendimento, o que traz um nervosismo pela responsabilidade por isso tudo. Por mais que eu sinta a tendência de escrever 'o peso da responsabilidade', não sei se eu descreveria isso tanto como peso, no sentido de uma coisa ameaçadora, maior que eu - na minha experiência, essa questão da responsabilidade pelo que acontece, o sentimento prévio de que sou eu que estou encarregado daquilo, tem mais cor de ânimo do que de fardo. Não quero dizer que tudo é uma grande felicidade nesse ânimo - errar e não ter certeza do que fiz são coisas que trazem sentimentos que não-são-lá muito agradáveis, mas, no mais das vezes, o que surge é mais um brio de confiança e ânimo para experimentar mais. É um sentimento de crença de que vai dar

certo - com todas as incertezas inerentes a não saber previamente o que vai acontecer, o entusiasmo do possível, a confiança em alguma coisa nova. Isso não deve ser confundido com alguma confiança cega, um ego inflado - mais uma vez, o caminho aponta muito mais pra essa vontade orgulhosa de fazer alguma coisa interessante e importante, junto dos riscos disso tudo.

Tem um tempero a mais nisso, que é atender em dupla: 1) porque dá um sentimento a mais de exposição; isto é, tem alguém vendo o que eu estou fazendo e - porque o nosso trabalho envolve ser bem sensível ao que acontece e cuidadoso em como tratar isso -, as intervenções dizem muito respeito à gente mesmo, ou seja, falar da minha intervenção é falar *de mim*; 2) quando a dupla cria um sentimento de time, de união mesmo, dá um sentimento de parceria pelo bem comum, de estarmos diante do mesmo fenômeno, o que sinto como estar fazendo o melhor atendimento possível. Percebo que há 'dinamismo' específico com cada pessoa com quem atendo, porque, dependendo da 'posição' que eu estou na dupla, eu me encarrego de um jeito diferente. A questão de ser mais ou menos experiente que a dupla ou de ter o mesmo nível de experiência significa apenas quem atende há mais tempo no Plantão. Se sou eu, geralmente eu falo mais, sou mais experimental e espontâneo com o jeito que eu conduzo e me encarrego mais do andamento das coisas; se os níveis são equiparados, eu, geralmente, ainda sou meio experimental, mas a responsabilidade ainda é mais dividida; se eu sou o júnior, eu falo menos, e deixo mais a pessoa coordenar o atendimento - mas isso já tem um tempo que não acontece, já que eu estou há um ano no Plantão, e eu ter ficado mais confiante e íntimo com o que eu posso fazer.

Considerações Finais

A narrativa acima, circunstanciada na formação em psicologia clínica, tem em vista, ao retratar a experiência em atendimento no serviço de Plantão Psicológico da UFMG, oferecer elementos para discutir o percurso tradicional de formação em Psicologia presente nas graduações em Psicologia no Brasil. Essa consideração parte do entendimento de que este percurso tradicional não corresponde à real experiência de formação na área clínica - principalmente no que tange a separação deste processo em dois momentos distintos. Retomando os DBs, fica visível o processo formativo nos atendimentos em Plantão Psicológico que acontece nos atendimentos e na supervisão, ficando o conhecimento teórico como um fundo que se integra à experiência. Ademais, é a prática profissional que revela e realça aspectos da teoria, quiçá ampliando a possibilidade de compreensão. Ou seja, teoria e prática compõem uma experiência pessoal que é, essa sim, o saber-fazer clínico que se espera da formação.

À luz dos DB e da narrativa, vemos que a experiência pela qual passa um psicólogo clínico em formação tem em vista, mais notoriamente, o fato de o aprendizado da teoria ocorrer concomitante à prática clínica, ilustrando o que acreditamos ser um percurso mais pertinente ao aprendizado dos alunos do que a tradicional divisão de teoria seguida de sua suposta aplicação. Dessa forma, o presente texto intenciona estimular o questionamento acerca do fundamento e coerência desse modelo tradicional, e, mais especificamente, pôr em foco um percurso de formação em Psicologia clínica que leve em conta a indissociabilidade do aprendizado teórico do aprendizado prático. Cremos que a presença

de mais projetos de extensão, como o Plantão Psicológico, ou outras formas de inserção na clínica nos períodos iniciais da graduação, como estágios profissionais, seriam prolíficas para tal.

Algo interessante a ser posto em pauta é acerca do préstimo que a escrita de Diários de Bordo tem para a formação em Psicologia clínica. Essa escrita, enquanto *démarche* do processo individual de cada psicólogo clínico, registra a subjetivação, o fazer-se em experiência e o tornar-se psicólogo. Com isso, gostaríamos de ressaltar o valor que a escrita de narrativas pode ter para o desenvolvimento mais ‘sensível’ e minucioso da percepção sobre a relação psicológica e do sentido vivo dos fenômenos por parte dos alunos.

A reflexão aqui presente também convida o uso de Diários de Bordo como registro da formação em Psicologia. Tal registro teria que ocorrer ao longo do curso, o que é dificultado quando os cursos são pensados como semestres isolados, sem um fio que amarre subjetivamente as experiências do anterior com o posterior. Assim, pesquisas que se proponham o acompanhamento longitudinal de graduandos em Psicologia, do ponto de vista de sua subjetivação, são muito bem-vindas para contribuir para o planejamento de novos modelos de formação em Psicologia em geral e, especificamente, na clínica.

A proposta deste artigo era recorrer à experiência registrada de um graduando em Psicologia. Evidentemente, esta experiência pode apresentar a de tantos outros, mas o objetivo aqui não é necessariamente oferecer um conhecimento generalizado. Assim, indica-se uma possível limitação desta pesquisa: contar com um único participante que é, ao mesmo tempo, autor do artigo. Outrossim, essa opção é condizente com a autoetnografia, método que contextualiza este artigo e que precisa ser mais explorado em pesquisas sobre formação em Psicologia.

Nessa mesma linha, novas pesquisas, que acompanhem a subjetivação de graduandos em psicologia, precisam ser realizadas, pois são os próprios fenômenos os melhores indicativos dos métodos de abordá-los. Na formação em Psicologia, isso significa que a aplicação do modelo teoria depois prática talvez não seja o melhor. Esta narrativa, assim como as pesquisas supracitadas, afirmam que não é e que a experiência profissional é necessária ao longo de todo o processo formativo, pois o ser-psicólogo clínico é de uma dimensão pessoal e acontece tácita e implicitamente.

Referências

- Abdalla, I. G., Batista, S. H., & Batista, N. A. (2008). Challenges found in the teaching of clinical Psychology in the Psychology courses. *Psicologia: ciência e profissão*, 28(4), 806-819. Acesso dia 12 de março de 2020, em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000400012&lng=en&tlng=en>;
- Aguirre, A. M. de B., Herzberg, E., Pinto, E. B., Becker, E., Carmo, H. M. e S., & Santiago, M. D. E. (2000). A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. *Psicologia USP*, 11(1), 49-62. <https://doi.org/10.1590/S0103-6564200000100004>. Acesso dia 12 de março de 2020, em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-6564200000100004&script=sci_arttext#n*>;
- Amatuzzi, M. M. (1996). O uso da versão de sentido na formação e pesquisa em psicologia. Em Carvalho, Regina Maria L. L. (org): *Repensando a formação do psicólogo: da informação à descoberta* (Coletâneas da Anpepp no. 9) (pp. 11-24). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia;
- Aun, H. A. (2005). *Trágico avesso do mundo: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Acesso dia 20 de abril de 2020, em <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-28072007-170628/pt-br.php>>;

- Colegiado de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. (2018). Informações Básicas sobre o curso. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/colpsi/>. Acessado em 24 de maio de 2022;
- Colegiado de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. (2008). Ementário do curso de psicologia versão 2009/1; Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/colpsi/index.php/matriz-e-ementas/>. Acessado em 24 de maio de 2022
- Delory-Momberger, C. (2016). A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. *Revista Brasileira De Pesquisa (Auto)biográfica*, 1(1), p. 133-147. Acesso dia 17 de dezembro de 2022, em <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n1.p133-147>
- Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(2), 371-378. Acesso dia 16 de abril de 2020, em <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200018>>;
- Dutra, E. (2013). Formação do psicólogo clínico na perspectiva fenomenológico-existencial: dilemas e desafios em tempos de técnicas. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(2), 205-211. Acesso dia 12 de março de 2020, em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200008&lng=en&tlng=en>;
- Evangelista, P. (2016). *Psicologia Fenomenológica Existencial: A prática psicológica à luz de Heidegger*. Curitiba: Juruá.
- Figueiredo, L. C. (1993). Figueiredo, L. C. (1993). Sob o signo da multiplicidade. *Cadernos de subjetividade* (PUC-SP), 1,89-95.
- Figueiredo, L. C. (1995). *Teorias e Práticas na Psicologia Clínica: um Esforço de Interpretação. Em: Revisitando as Psicologias - da Epistemologia à Ética nas Práticas e Discursos Psicológicos* (pp. 85-97). São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes;
- Lisboa, F. E., & Barbosa, A. J. G. (2009). Psychology Education in Brazil: a profile of undergraduate programs. *Psicologia: ciência e profissão*, 29(4), 718-737. Acesso dia 10 de março de 2020, em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400006&lng=en&tlng=en>;
- Ministério da Educação. (2011). Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Acesso dia 10 de março de 2020, em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&Itemid=30192>;
- Morato, H. T. P. (2009). Atenção Psicológica e Aprendizagem Significativa. In Morato, H. T. P., Barreto, C. L. B. T., & Nunes, A. P. (2009). *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução* (pp. 22-38). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan;
- Nunes, A. P. (2015). O estágio de atendimento nos anos iniciais: experiência com plantão psicológico. Dissertação de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Acesso dia 20 de abril de 2020, em <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-29092015-173657/pt-br.php>>;
- Nunes, A.P., & Morato, H. T. P. (2020). O estágio de atendimento nos anos iniciais: experiência com plantão psicológico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(1), 2-12. <https://dx.doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.1>. Acesso dia 20 de abril de 2020, em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672020000100002>;
- Valle Cruces, A. V. (2008). Research in the formation of the Brazilian psychologists and its public politics. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 28(2), 240-255. Acesso dia 10 de março de 2020, em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2008000200012&lng=en&tlng=en>.